

EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO SEMIÁRIDO: EXPERIÊNCIAS DA ESCOLA MUNICIPAL LIBERATO VIEIRA, BREJO DA FORTALEZA, MUNICÍPIO DE IPIRANGA DO PIAUÍ, PIAUÍ

Autor (1); Bruna Lara Borges da Silva¹; Orientador (2) Dr. Tamaris Gimenez Pinheiro

Universidade Federal do Piauí – UFPI; e-mail bb7320910@gmail.com

O Semiárido brasileiro se estende por 1,03 milhão de Km², compreendendo 1.262 municípios de nove estados (Alagoas, Sergipe, Bahia, Rio Grande do Norte, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco e Piauí). Neste espaço geográfico vivem cerca de 27 milhões de pessoas. Apesar de ser considerada a região a mais pobre do Brasil, o semiárido tem riquezas exuberantes, que refletem nas histórias de povo, suas raízes, aspectos culturais, sociais, políticos, subjetividades, religiosidades, etc. Este trabalho teve como objetivo analisar as experiências do Projeto de Educação Contextualizada no Semiárido dentro do ambiente da Escola Municipal Liberato Vieira, localidade Brejo da Fortaleza, Município de Ipiranga do Piauí, e seus benefícios para a educação escolar. Para obter as informações foram realizadas observações in loco, além de entrevista semiestruturada com gestores e docentes, a fim de identificar: como foi implantado e está sendo desenvolvido o projeto de Educação Contextualizada no Semiárido na escola; os materiais utilizados; as metodologias e práticas pedagógicas adotadas; e o envolvimento e contribuições para a comunidade escolar. O trabalho realizado na escola busca sempre a integração com a família. Para isso são realizadas uma série de ações que resultam na participação dos responsáveis, como: reuniões, palestras, culminâncias de projetos, datas comemorativas, formações etc. Alguns pais procuram a escola voluntariamente para saber do desempenho de seus filhos e colaborar com as atividades desenvolvidas, demonstrando acreditar na proposta da escola, que tem resultado em melhorias na aprendizagem e na relação escola/família/comunidade e até na própria comunidade. A Educação Contextualizada surge como uma proposta metodológica para os educandos avançarem na busca pelo desenvolvimento da região e por uma educação em que a cultura seja um instrumento primordial no processo educacional. Essas estratégias metodológicas usadas no processo de ensino-aprendizagem na escola que priorizam o protagonismo do aluno, incentivam seu interesse e seu envolvimento. Assim, esta pesquisa proporcionou o entendimento de como ocorreu a construção coletiva da Educação Contextualizada em uma escola do Município de Ipiranga do Piauí, possibilitando o conhecimento e a compreensão crítica dos aspectos sociais, históricos, políticos, econômicos e culturais que levaram à sua implementação, identificando as potencialidades do trabalho para o desenvolvimento sustentável no semiárido. A reflexão sobre as práticas educativas desenvolvidas na escola permitiu identificar também os desafios enfrentados e benefícios conseguidos pela instituição pesquisada, além de, principalmente, reforçar a importância delas estarem relacionadas às demandas levantadas junto à comunidade, demandas estas que permitiram criar estratégias didático-pedagógicas que fomentaram e fomentam a compreensão crítica do contexto em que os sujeitos das ações estão envolvidos.

Palavras-chave: Ensino. Escola do campo. Contextualização. Realidade. Vivência

1. INTRODUÇÃO

As características que definem esse espaço geográfico são: i) precipitação pluviométrica média anual igual ou inferior a 800 mm; ii) índice de aridez de Thorntwaite igual ou inferior a 0,50; iii) percentual diário de déficit hídrico igual ou superior a 60%, considerando todos os dias do ano (BRASIL, 2017). Apesar de ser considerada a região a mais pobre do Brasil, o semiárido tem riquezas exuberantes, que refletem nas histórias de seu povo, suas raízes, aspectos culturais, sociais, políticos, subjetividades, religiosidades, etc.

Em meio a tudo isso, ergue-se um campo fértil que exige do ato de ensinar uma rica abordagem que contemple toda essa peculiaridade. E é a partir desse olhar singular para essa região tão negligenciada histórica, social e politicamente que se ergue a Educação Contextualizada para o Semiárido, a qual surge para valorizar e afirmar os saberes de sua população no meio em que vivem, trabalhando fragilidades e potencialidades (SENA, 2014, p. 18). Esse mesmo autor esclarece que:

[...] torna-se indispensável a discussão sobre a Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido. Esta pode ser concebida como uma práxis, um processo colaborativo de conhecimentos teóricos e práticos que tem como princípio a convivência com o território dos sujeitos, o respeito à condição de vida do indivíduo, à realidade local como ponto de partida e de chegada dos conhecimentos diversos, que não a torne fechada em si mesma, pois se opõe ao modelo universalista de educação, não buscando ferramentas para aprisionar o sujeito àquele determinado conhecimento, mas de maneira que o extrapole, que vá além do saber, tornando-se ferramenta fundamental para a emancipação e libertação, ampliando o que já sabe, experimentando o que não conhece.

A partir dessa proposta, juntamente com o interesse regional, em torno da urgente necessidade de valorização da região, algumas instituições não-governamentais, escolas e movimentos sociais que desenvolviam ações com fins similares, em 2000, se organizaram para realizar o I Seminário de Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro (SOUZA, 2010). A ideia do evento foi dialogar sobre as experiências desses atores e dali expandir o movimento pela efetiva constituição da Educação Contextualizada no Semiárido para os vários estados do Nordeste que o compõe. Esse movimento cresceu e dele se originou a Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB) que, atualmente, reúne instituições governamentais e não

governamentais. Segundo Martins (2007, p. 36):

Esta perspectiva de “educação contextualizada” está sendo sustentada em toda a região semiárida, a partir da premissa de que “a educação tem que tocar no chão que pisa”, ou seja, a educação não pode se dar ao luxo de flutuar sobre os lugares, sem dialogar com os modos de produção da vida, ou com as configurações e potencialidades ecossistêmicas com que a natureza brinda cada lugar.

Essas discussões apontam para uma adaptação dos conteúdos escolares ao espaço geográfico, à cultura, à identidade e à especificidade do semiárido. Baseia-se na realidade social dos educandos e educandas, e possibilita contextualizar o processo de ensino aprendizagem com a diversidade cultural de cada lugar. É uma proposta de educação pautada no princípio da convivência com as características socioambientais do semiárido, visando a criação de um novo senso comum, de novos significados do lugar e da vida no lugar, a partir de uma nova leitura do próprio espaço (PIMENTEL, 2002).

Assim, pode-se afirmar que a Educação Contextualizada para o Semiárido pressupõe práticas educativas desenvolvidas nas escolas, principalmente as do campo, aproximando o homem à sua realidade, como também a possibilidade de um ensino onde os sujeitos sejam capazes de construir/reconstruir sua história de forma digna, através de diálogos entre educador e educando (LIMA, 2014). Dessa forma, a atual conjuntura sócio/político/cultural do campo traz a necessidade da construção de novos projetos educativos voltados para as especificidades do meio rural, tornando, portanto, imprescindíveis práticas educativas norteadas pela educação do campo (LIMA, 2014; SENA, 2014), contextualizadas, de forma a valorizar as diversidades socioculturais, ambientais e organizativas dos camponeses, preparar os jovens para serem protagonistas das políticas de desenvolvimento sustentável construídas de forma coletiva (LIMA, 2014).

Para este autor, tal alcance ainda representa um desafio. Não é fácil construir um projeto de educação que contemple os mais variados contextos do mundo campesino. Entretanto, deve ser uma educação construída e discutida no contexto histórico dos sujeitos sociais envolvidos com a proposta pedagógica, pois não se pode trabalhar uma educação sem vida, sem sentimento, sem politicidade, pois a educação está em constante movimento. Nesse sentido não é qualquer tipo de educação que vai preparar o sujeito para enfrentar o desafio de construir um semiárido justo, solidário e sustentável,

por isto, é preciso pensar uma educação que se constrói no seio da sociedade, tendo a vida e a história do povo como ponto de partida para uma reflexão do mundo (LIMA, 2006).

Diante da problemática da Educação do Campo, e da necessidade de informações que subsidiem as discussões sobre a importância da Educação Contextualizada no Semiárido, vários questionamentos surgem e nos levam a responder as seguintes inquietações: i) como surgiu a necessidade da implantação do projeto da educação contextualizada no semiárido em uma escola no interior do Piauí? ii) qual(ais) é(são) as metodologias adotadas para a execução desse projeto? iii) quais são os atores envolvidos no projeto? iv) para se trabalhar esse projeto os professores da escola utilizam práticas pedagógicas diferenciadas? v) qual a contribuição do projeto para os alunos e comunidade em geral?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar as experiências do Projeto de Educação Contextualizada no Semiárido dentro do ambiente da Escola Municipal Liberato Vieira, localidade Brejo da Fortaleza, Município de Ipiranga do Piauí, e seus benefícios para a educação escolar.

2.2 Objetivos específicos

- Realizar o registro histórico de formação da comunidade Brejo da Fortaleza, bem como o da fundação da Escola Municipal Liberato Vieira a fim de compreender as condições que levaram as suas criações.
- Compreender a trajetória e a necessidade da implantação do projeto na referida escola;
- Analisar a(s) metodologia(s) utilizada(s) no projeto, e as práticas pedagógicas dos professores envolvidos no mesmo;
- Analisar as contribuições da experiência do projeto Educação Contextualizada no Semiárido para a comunidade envolvida.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Entendendo a Educação Contextualizada no Semiárido

Desde a década de 2000 o semiárido vem sendo abordado por meio de propostas e práticas vinculadas pela concepção de que a sustentabilidade implica na convivência (REIS; BARBOSA, 2015). Foi em meados desse período que nasceram a Articulação do Semiárido (ASA), em 1999, e a RESAB, em 2000, as quais caminharam sempre em direção ao desenvolvimento de uma educação global, com ações voltadas para a contextualização, com o semiárido ganhando outra dimensão. Sendo direcionado para outro/novo sentido de desenvolvimento territorial, o qual está calcado em políticas públicas de inclusão social, de equidade e controle social e prudência com os recursos naturais (CARVALHO, 2012). Esta proposta, segundo este autor, torna-se um guarda-chuva, abrigando todos aqueles que buscam relacionar-se por outra/nova maneira de viver ou ampliar as maneiras de viver e se relacionar com a realidade semiárida.

Segundo Souza (2010), uma das bases de sustentação da proposta da Educação Contextualizada no Semiárido é o Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Lei Nº 9.394/96) onde a educação foi abordada como processo formativo para além da escola. Segundo essa autora, a referida Lei permitiu que iniciativas diversas situadas em, principalmente, Organizações Não Governamentais (ONG's) e outros movimentos sociais fossem reconhecida como espaços educativo-formativos que desencadeiam outros modos de intervenção social.

Assim, experiências que ocorriam em diversas partes do país reforçavam que espaços não-escolares constituíam cenários relevantes para que os sujeitos (sem escolarização) produzissem por via de suas práticas diárias, importantes conhecimentos (SOUZA, 2010). Com isso, a Educação Contextualizada no Semiárido é fruto de uma destas experiências que teve como mote a construção de um discurso diferenciado sobre o desenvolvimento regional e a base da Convivência era destituir a compreensão do desenvolvimento vinculado ao combate às secas, propondo criar formas sustentáveis e apropriadas de lidar com os fenômenos geoclimático-ambientais desta região (SOUZA, 2010). Para essa autora, o combate deveria ser contra as desigualdades sociais, pois estas decorriam da cultura política dominante e das grandes concentrações de renda, de terra e da água, e não do perfil climático. Essas discussões permitiram o acesso a

diversas iniciativas, desencadeando uma integração social, entre espaços escolares e sociedade, produzindo assim as práticas, podendo então ter acesso aos conhecimentos importantes, fazendo assim uma experiência diferenciada para o seu desenvolvimento.

3.2. Algumas experiências da Educação Contextualizada no Semiárido

O desenvolvimento e expansão de experiências educativas populares e inovadoras, promotoras de emancipação humana ainda é muito recente (ANDRADE; FERNADES, 2016). Para a Educação Contextualizada no Semiárido não é diferente. Apesar das discussões neste campo já ocorrerem há anos, são poucos os exemplos de projetos bem-sucedidos. No entanto, estes precisam ser divulgados visto que podem ser considerados referência.

Um deles é o desenvolvido na Escola Dom Frágoso, localizada no Ceará, que atende 74 jovens de 17 municípios. A escola é mantida pela Associação Família Agrícola de Independência, formada pelas famílias dos educandos e pessoas residentes da comunidade que, em conjunto, possibilitam a interdisciplinaridade e troca de saberes dando significado ao aprendizado das crianças, jovens e adultos do local (PIAUI, 2015).

Segundo essa mesma fonte, além dessa escola, pode-se destacar também o trabalho da Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental João Pereira Lima, localizada na Comunidade Alegre, em Tamboril no Ceará. Lá são atendidas 84 famílias, com professores sempre inovando e buscando a valorização do ambiente e da cultura local, agregando-os às suas práticas educativas.

No Piauí, a o destaque é para a Fundação Santa Ângela, Município de Pedro II, que iniciou seus trabalhos no ano de 1981 e tem como missão fomentar ações que propiciem à inclusão social, redução da pobreza e o exercício da cidadania de crianças, adolescentes e jovens do bairro Santo Antônio e de comunidades rurais, por meio da educação associada a projetos de geração de trabalho e renda (PIAUI, 2015).

4. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Liberato Vieira que se encontra localizada no Povoado Brejo da Fortaleza (zona rural) do município de Ipiranga do Piauí, o qual faz parte da microrregião de Picos, mesorregião do Sudeste Piauiense, com

uma área aproximadamente de 528 Km², com o clima predominante semiárido (CAMINHA, 2008). O município tem 9.649 habitantes (IBGE, 2017) e está situado em uma distância de 262 Km da capital do Piauí. A escola atende os alunos da comunidade, funcionando nos turnos matutino e vespertino, na modalidade de Ensino Fundamental. A instituição adotou o Projeto de Educação Contextualizada no Semiárido desde o ano de 2012.

Para obter as informações foram realizadas observações *in loco*, além de entrevista semiestruturada (APÊNDICE A) com a gestora da escola e docentes, a fim de identificar: como foi implantado e está sendo desenvolvido o projeto de Educação Contextualizada no Semiárido na escola; os materiais utilizados; as metodologias e práticas pedagógicas adotadas; e o envolvimento e contribuições para a comunidade escolar. Para cada participante da pesquisa foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) e sua identidade foi preservada, sendo eles identificados pelos cargos que desempenham (Gestora, Docente 1, Docente 2, Docente 3, e assim sucessivamente). Além dessas informações referentes ao Projeto objeto desse estudo, registrou-se também, por meio de gravação em áudio, o histórico da comunidade e da escola a partir de relatos da diretora da instituição.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o entendimento do processo de implantação da Educação Contextualizada para o Semiárido na Escola Municipal Liberato Vieira, identificou-se, a partir dos relatos da diretora e professores da escola, a impossibilidade de desvinculação desse tema do histórico da comunidade e da implantação da própria escola. Assim, para descrição dos resultados elaboramos então o registro desses históricos baseados exclusivamente nesses relatos.

5.1 Histórico da comunidade

Por volta de 1900 a comunidade Brejo da Fortaleza teve como primeiro nome Buriti das Éguas pelo fato de que inicialmente as terras não eram cercadas e as pessoas criavam seus animais (principalmente éguas) soltos, os quais aproveitavam os brejos repletos de buritis que ali haviam (e ainda existem) para beber água e se alimentar.

Além deles, muitos viajantes paravam para descansar nesses ambientes e tinham o hábito de amarrar seus animais, nas margens desses brejos. Por volta de 1920, o Padre José de Freitas, da cidade de Oeiras, que sempre celebrava missas na comunidade, teve a ideia de mudar o nome da localidade de Buriti das Éguas, para Brejo da Fortaleza. “Brejo” por causa dos brejos férteis ali existentes e “fortaleza” por conta da variedade de frutos da localidade, entre elas a manga, o pequi, o caju e principalmente o buriti, riqueza que promovia a força, a resistência para o povo se manter na localidade.

Os primeiros moradores foram Liberato da Silva Vieira, Lourenço Pinheiro, João Veloso, Francisco Vieira e Doroteu Ramos. Eles moravam em cidades vizinhas e quando descobriram o valor das terras passaram a cultivar a cana-de-açúcar, que hoje é uma das maiores fontes de renda para alguns produtores da localidade. Percebendo que estavam fazendo um bom negócio, trouxeram empregados para realizar os trabalhos. Essas pessoas foram fixando morada, constituindo família e a localidade foi crescendo e logo abarcou também viajantes que se encantaram com o local ampliando sua população.

A comunidade pertencia ao território de Ipiranga do Piauí, o qual foi emancipado de Oeiras em 1960. A partir desta década, a localidade passou a receber maior atenção política e recebeu rede de água, projetos para instalação de banheiros e rede elétrica. Hoje ela conta com: i) um posto de saúde que atende as 969 famílias com os seguintes serviços: três agentes de saúde que fazem as visitas domiciliares, um médico, um dentista, e uma assistente social que atende semanalmente; e ii) quatro escolas: a Escola Municipal Zezé Fontes, instalada na comunidade Malhada, que está desativada por falta de alunos; a Escola Municipal Cecília Meireles, na comunidade Morro, em que funciona a Educação Infantil; a Escola Municipal Monteiro Lobato, na comunidade Veredão, que também só funciona com a Educação Infantil; e a Escola Municipal Liberato Vieira, objeto desse estudo, como a escola mais central, em que funciona de 1º ao 9º ano, além da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Atualmente a comunidade conta também com a Associação das Mulheres Empreendedoras do Brejo da Fortaleza, uma organização que foi criada a partir de estudos e pesquisas de educandos/as da Escola Municipal Liberato Vieira, que verificaram que na região havia uma grande produção de frutas (manga, buriti, caju, laranja, goiaba, entre outras) porém estas não eram totalmente aproveitadas pelas famílias. Diante desse fato, percebeu-se que a comunidade poderia se organizar e usar

essas riquezas como fonte de renda. Incentivados por professores da Universidade Federal do Piauí, Elmo de Sousa Lima e Maria Luiza de Cantalice, ligados à RESAB, a escola iniciou a busca por outros parceiros que pudessem motivar e orientar a comunidade na fundação dessa organização e oferecer cursos de formação e oficinas para a comunidade sobre o aproveitamento dessas potencialidades.

Em outubro de 2015, em parceria com a Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Piauí (EMATER-PI), a Secretaria Municipal de Educação e a Escola de Formação Paulo de Tarso (EFPT), a Escola Municipal Liberato Vieira promoveu o curso de beneficiamento de pedúnculo do caju, com a formadora Maria de Lourdes Cortez Rufino e Genival Araújo Nascimento, voltado à produção de doces, geleias e cajuína, etc., totalizando 22 produtos derivados da fruta em questão. Esse curso contou com a participação de 34 mulheres, todas mães de alunos, e teve como objetivo capacitar um grupo de mulheres que pudesse iniciar um trabalho cooperativo, a partir da implementação de uma unidade de beneficiamento de frutas, promovendo a geração de trabalho e renda na comunidade. Após essas formações foi criada a Unidade de beneficiamento que hoje encontra-se legalizada e dispõe de todo o maquinário necessário para que a cooperativa possa realizar os trabalhos.

5.2 Histórico e estrutura da Escola¹

A Escola Municipal Liberato Vieira iniciou seu funcionamento em 1960 na casa do senhor José Florenço Ramos, conhecido como Zuca Ramos, e foi instalada devido a necessidade de educação gratuita para a comunidade. As aulas foram ministradas primeiramente por uma professora vinda do município de Oeiras (visto que a localidade de Ipiranga ainda não tinha sido emancipada), trazida pelo prefeito Joel Borges, a qual trabalhou por apenas um ano na instituição, de 1963 a 1964. Após a saída dessa primeira professora, a turma de 63 alunos foi assumida pela professora (leiga) Maria Dolores Pinheiro da Silva, com apenas 15 anos, que tinha como auxiliar uma aluna da própria sala, Maria do Carmo Pinheiro de Moura, na época com 20 anos.

Por volta de 1968, o prédio da escola já havia sido inaugurado e possuía duas salas de aula, uma pequena cantina e a diretoria. Já com o nome oficial de Escola Municipal Liberato Vieira, em homenagem ao primeiro morador da comunidade e doador do terreno, Maria Dolores, precisando continuar seus estudos, deixa a turma com

a auxiliar Maria do Carmo e com Assis de Alencar Veloso. Com isso, os alunos puderam ser divididos em turmas multisseriadas de 1ª a 4ª série.

No mesmo ano, durante uma comemoração na escola, a aluna Edinússia da Costa Ramos reivindicou a construção de banheiros e assim foi feito. Com o passar dos anos e com o crescimento da comunidade, houve a necessidade da reforma e ampliação do prédio da escola, e mais duas salas de aula foram construídas, passando assim a atender crianças do pré-escola à antiga 5ª série.

No ano de 2003 foi feito mais uma ampliação com a construção de mais uma sala de aula, um pátio, banheiros, diretoria e cantina mais ampla. Nesse ano a escola passa a contar com 454 m² de área construída, com 12 dependências, assim distribuídas: seis salas de aula; uma diretoria com banheiro amplo; uma cantina; três banheiros para alunos, sendo um adaptado para cadeirantes e um pátio coberto. Em 2015 foram construídas mais duas salas de aula para atender os alunos do Ensino Infantil que até então estudavam em outro prédio com estrutura física precária. A estrutura física da escola é boa, porém, ainda necessita de ampliação e alguns reparos.

Atualmente a escola conta com 13 professores, quatro destes são professores celetistas. Todos os nove professores efetivos são graduados sendo que deste, seis já são pós-graduados e dois estão cursando pós-graduação. Além desses profissionais conta com um vigia celetista; um profissional de apoio a pessoa com deficiência; um secretário celetista e três profissionais de serviços gerais efetivos. A mesma é mantida com os recursos federais e municipais como Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) e Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE).

A Escola Municipal Liberato Vieira atende alunos da localidade Brejo da Fortaleza, na qual a escola está localizada, bem como de 10 pequenas comunidades vizinhas, cujo perfil dos mesmos é bastante diversificado devido as peculiaridades de cada comunidade. Assim, a escola conta hoje com 184 alunos matriculados, sendo 47 do Ensino Infantil, 79 do Ensino Fundamental anos iniciais e 58 do Ensino Fundamental anos finais. Os maiores desafios da escola são: a indisciplina por parte de alguns alunos, falta de interesse, distorção idade/série, falta de acompanhamento de algumas famílias e autonomia.

O trabalho realizado na escola busca sempre a integração com a família. Para isso são realizadas uma série de ações que resultam na participação dos responsáveis, como: reuniões, palestras, culminâncias de projetos, datas comemorativas, formações

etc. Alguns pais procuram a escola voluntariamente para saber do desempenho de seus filhos e colaborar com as atividades desenvolvidas, demonstrando acreditar na proposta da escola, que tem resultado em melhorias na aprendizagem e na relação escola/família/comunidade e até na própria comunidade.

Na escola desenvolvem-se várias atividades extras para promover o aprendizado, a cooperação entre alunos e comunidade, valorização cultura local. Os projetos que são realizados na escola normalmente são os de leitura, escrita, datas comemorativas e contextualização escola/comunidade, com resultados positivos.

5.3 Experiência da Educação Contextualizada na escola

Contextualização é uma palavra derivada do termo “contexto” que significa inter-relação de circunstância que acompanha um fato ou uma situação. Neste caso, contextualizar é integrar em um contexto. Portanto, educação contextualizada é trabalhar o conhecimento sistemático de acordo com a realidade em que o aluno está inserido, considerando sua diversidade cultural, econômico e social, tornando possível o desenvolvimento de suas potencialidades (LIMA, 2014).

A proposta de realização de Educação Contextualizada no Semiárido na escola, se deu a partir de iniciativa do Prof. Elmo Lima, no ano de 2012. Na época o professor-pesquisador estava desenvolvendo seu trabalho de doutorado na Universidade Federal do Piauí e precisava de uma escola que abraçasse sua pesquisa. Ele entrou em contato com a Secretaria Municipal de Educação de Ipiranga do Piauí e a mesma lhe concedeu a abertura de apresentar seu projeto às escolas para verificar se as mesmas tinham interesse.

O docente então, em um encontro pedagógico promovido pela Secretaria de Educação com os/as diretores/as das escolas do município, realizou a apresentação da proposta. De todos/as os/as presentes, somente a diretora da escola pesquisada, demonstrou interesse no trabalho, pois a mesma acreditava que a comunidade precisava de um projeto como aquele, voltado para a realidade da comunidade, que pudesse trazer as famílias para dentro da escola, colocando a escola a disposição do professor. Segundo a Gestora:

“O projeto da escola sobre Educação Contextualizada, não foi uma coisa

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

pensada. Eu não fui buscar. Na verdade, esse projeto veio para nós como um presente pois muitos alunos estavam faltando aulas, desmotivados, não queria vim para escola... Eu como sempre conversava com eles o porquê eles faltavam a escola e a resposta era: “Ah tia a escola e muito sem graça, prefiro ir pra roça”. Então comecei a pesquisar sobre algum tipo de educação que era voltado para a comunidade e vi que a educação contextualizada era uma boa opção e que ela pudesse despertar nesses alunos o desejo e a vontade deles de estar na escola. O projeto tem uma metodologia interessante, onde o aluno vai conhecer sua realidade do dia a dia, conhecer de fato o lugar onde mora, e assim na primeira oportunidade aceitei a proposta da Educação Contextualizada no Semiárido na escola Liberato Vieira (Gestora).

Ao levar a proposta para a escola, todos os professores demonstraram resistência por desconhecerem a temática da Educação Contextualizada, principalmente voltada para o semiárido, e acreditarem que a diretora havia assumido uma responsabilidade muito grande. Temiam também pela falta de prática em se trabalhar com projetos integradores, pois entendiam a metodologia tradicional de ensino, com a utilização exclusiva do livro didático nas aulas, como a única forma possível de realização do trabalho pedagógico.

Para a Docente 1 *“No início eu resisti, não conhecia esse projeto, fiquei com medo de ter que largar o livro didático, onde sou muito apegada, pra gente que já tá com muito tempo nessa mesma metodologia acaba se apegando”*. Já a Docente 2 afirmou: *“Eu confesso que fiquei apavorada, sem saber nem o que falava, pois sabia que era uma grande responsabilidade e que iria ter uma grande reviravolta*. Sobre isso a Gestora lembrou que:

[...] No início, houve sim, como tudo que é novo, há uma resistência, eu não diria uma resistência, mas um medo de um projeto tão valioso e uma comunidade tão complicada como o Brejo, mas ao longo do tempo quando elas foram conhecendo a metodologia se apaixonaram e hoje elas são muito grata pelo todo aprendizado que agente aprendeu, conheceu a comunidade, conheceu as pessoas, hoje a gente tem um acesso maior tudo ao que dez respeito a comunidade porque quando a gente conhece tudo fica mais fácil trabalhar, mas houve sim uma resistência mas hoje foi superada graças a Deus. (Gestora)

Na concepção de Lima (2014) a resistência dos professores sobre o assunto vai reduzindo na medida em que vão se apropriando coletivamente das categorias teóricas e dos princípios políticos que fundamentam a concepção de Educação do Campo, ao buscar organizar atividades educativas que permitem a vivência teórico-prática daquela proposição, com o desenvolvimento de atividades educativas que se constituem como *práxis* educativa, enquanto síntese das experiências de reflexão crítica que estão

imersos.

Para que isso ocorresse então houve, primeiramente, um trabalho de formação de professores fundamentado nos pressupostos políticos e sócio culturais que orientavam os Círculos de Cultura. Para Freire (1992, p. 155):

Os Círculos de Cultura eram espaços em que dialogicamente se ensinava e se aprendia. Em que se conhecia em lugar de se fazer transferência de conhecimento. Em que se produzia conhecimento em lugar da justaposição ou da superposição de conhecimento feitas pelo educador a ou sobre o educando. Em que se construía novas hipóteses de leitura do mundo.

Então foram desenvolvidas reuniões com a comunidade escolar, pais e alunos. A diretora da escola propôs um encontro na qual o professor Elmo Lima apresentaria o seu trabalho e foi a partir daí que os diálogos foram instituídos na comunidade Brejo da Fortaleza para a construção coletiva do projeto. Foi estabelecido aos docentes um breve diagnóstico da mesma; possibilitando o conhecimento e a compreensão crítica dos aspectos sociais, históricos, políticos, econômicos e culturais, identificando potencialidades e os limites, frente às possibilidades de construção de uma política de desenvolvimento sustentável, compreendendo os aspectos históricos e culturais que influenciaram a formação política e cultural do povo do semiárido.

Na concepção de Lima (2008), os docentes necessitam ser capacitados para o desenvolvimento de processos educativos que tenham a problematização, a reflexão crítica, a investigação, como eixos políticos-pedagógicos norteadores de sua ação educativa. Os processos devem ser desenvolvidos e construídos de forma que os professores e alunos possam coletivamente discutir sobre os aspectos sociais, políticos e econômicos que perpassam sua vida.

As formações constituíram-se de “Rodas de diálogos”, favorecendo a reflexão crítica dos sujeitos acerca do contexto sócio histórico e cultural da comunidade. Para Lima (2014) essa formação visa à produção coletiva de conhecimentos que permitissem a reorientação da proposta curricular da escola na perspectiva do currículo contextualizado. A formação foi desenvolvida em 14 encontros distribuídos em dois anos, de forma bimestral, com professores, comunidade e alunos. Essa formação permitiu identificar elementos na própria escola que serviriam de suporte para os projetos a serem trabalhados, como a cisterna, por exemplo, que havia sido construída em 2009, e não tinha serventia para a instituição ou comunidade. A partir dessas

discussões e provocações, os atores envolvidos na proposta constataram que podiam trabalhar projetos voltados para a realidade da comunidade, contextualizando problemas locais e suas potencialidades ali presentes beneficiando a mesma.

O projeto que alavancou a Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido na escola foi o projeto piloto, Potencialidade Sócio Econômica do Brejo da Fortaleza, em que se investigou junto à comunidade tudo o que é produzido na região e, foi a partir dele que todos os outros projetos que foram idealizados.

Um dos projetos desenvolvidos citados como o de maior relevância foi à atividade de iniciação da proposta de contextualização na escola: a Horta Pedagógica, cujo objetivo foi e a construção de um espaço que funcionasse como “laboratório”, em que os professores pudessem levar os alunos para uma aula contextualizada aprendendo a teoria na prática, comparando o que está no livro com o real. Para a construção da horta na escola houve o envolvimento dos alunos, professores e alguns pais. As etapas de desenvolvimento da horta começaram pela limpeza do local e depois a construções dos canteiros e plantação das sementes. Como a escola não tinha materiais como enxadas, pás, estrumes e sementes para a instalação dela, contou-se com a disponibilização da comunidade.

A realização da horta proporciono aos alunos conhecimentos que transpuseram os muros da escola e chegaram até suas casas, pois foram aplicados em seus quintais, como o que ocorreu com um dos alunos participantes, Lucenildo de Sousa Borges de apenas 13 anos, que hoje é referência na sua região em produção de hortaliças a partir do que vivenciou e aprendeu com o projeto. Primeiramente a produção tinha o objetivo do consumo familiar, mas o sucesso de seu trabalho foi tão grande que hoje aumentou a renda da família com a venda do excedente nos povoados Malhada do Brejo e Macaúbas.

A gestora lembrou que um dia esse estudante lhe falou: “[...] Tia, quando fizeram a cisterna na minha casa comecei a tentar fazer uma horta, com o material que recebemos da escola e com o que já aprendi aqui, mas não deram certo” e acrescentou que:

[...] Foi quando eu pensei e entreguei uma cartilha sobre o manejo da água, ele seguiu os passos a passos e tudo que ele não entendia sempre me procurava para tirar suas dúvidas, e assim ele fez um cultivo de tomate, cheiro verde, pimentão, pimentinha

de cheiro e pepino utilizando a irrigação alternativa do Canteiro Econômico.” (Gestora).

O outro projeto desenvolvido na escola partiu das discussões sobre a necessidade dos professores em se trabalhar Ciências de maneira contextualizadas e então elaboraram um projeto com as plantas nativas, Projeto de Viveiro de Mudas, que objetivava o estudo das plantas nativas da região visando a preservação das mesmas. Para o seu desenvolvimento contou-se com saídas de campo para reconhecimento das espécies vegetais e coleta de sementes para o plantio na escola, sempre havendo a associação dos conteúdos com o conhecimento prévio dos alunos. Um dos objetivos específicos desse projeto era fazer a doação das mudas para a comunidade, para que essa fizesse o resgate dessas espécies, podendo recuperar aquelas que já estavam em risco de extinção. Segundo a Gestora:

[...] Como o projeto teve muita repercussão, a comunidade ajudou bastante também. Foi a partir desse projeto que se deu a criação do banco de sementes crioulas, sementes essas que são naturais, sem nenhum tipo de modificação genética e esse banco serve tanto para o estudo em si e para, mais na frente, os agricultores precisarem dessas sementes, eles terem acesso.

Um dos entusiastas do projeto de sementes crioulas é o Lucenildo de Sousa Borges de apenas 13 anos , citado acima que, além do canteiro, faz a multiplicação dessas sementes para manutenção do patrimônio genético da comunidade. Como ele, muitas outras famílias têm valorizado essa prática de conservação das sementes crioulas.

Outro projeto trabalhado na escola, destacado pelos entrevistados, foi o relacionado às nascentes das fontes de água da comunidade com tema “Cuidar hoje para não faltar amanhã”. O objetivo do mesmo era realizar a revitalização dessas nascentes por meio do reconhecimento e limpeza desses locais. Para isso, os alunos saíram da escola e foram a campo. Acompanhado pelos os professores, a maioria das aulas de Ciências foram feitas nesse contexto.

Com isso posto, percebeu-se que a Escola Municipal Liberato Vieira busca desenvolver práticas educativas contextualizadas num processo pedagógico que envolve a participação da comunidade na busca de alternativas para os problemas locais. Neste sentido, a escola desenvolve ações educativas a partir de três instrumentos pedagógicos:

horta pedagógica escolar, viveiro de mudas e banco de sementes crioulas. E em mais processos de integração de atividades escolares e outros processos de formação extra classe, tais eles como os intercâmbios e as oficinas técnicas sobre os temas ligados a agroecologia, Como fruto disso, estão os resultados sociais que interferem positivamente na dimensão ecológica e ambiental da comunidade. Para a Gestora:

[...] A diferença dessa forma de educação é a mudança que gera nas crianças e adolescente, com envolvimento da família no aprendizado, no cuidado como o meio ambiente. É essa educação que queremos, uma educação que incentiva a convivência com o semiárido gerando melhor alimentação e uma economia gerada do trabalho.

As atividades desenvolvidas nos projetos visam integrar a aprendizagem cotidiano-comunitária dos alunos na contextualização dos conteúdos disciplinares. Eles têm por finalidade, motivar os alunos a pensar a comunidade na comunidade, conhecendo melhor a realidade; trabalhando suas histórias e seu ambiente sócio-cultural e ambiental. Para a Gestora “*A escola é o lugar onde se encontra a descoberta do fazer-aprender-fazer. É nesse context que os alunos, após uma aula prática contextualizada com a sua realidade, fazem com que o mesmo sistematize os conhecimentos adquiridos*”.

Essas estratégias metodológicas usadas no processo de ensino-aprendizagem na escola, que priorizam o protagonismo do aluno, a prática, incentiva seu interesse, seu envolvimento, e desenvolve a vida na região, são instrumentos de suma importância no processo educacional. Para a RESAB (2004) a educação contextualizada na escola baseia-se na compreensão de uma educação que considere o contexto como uma forma de habitat onde se relacionam ecologias que dizem respeito à cultura, à linguagem, às formas de comunicação e representações das subjetividades humanas, e não apenas ao que é visivelmente concreto e palpável.

Quando os pesquisados foram questionados sobre os aspectos positivos da efetivação da contextualização na escola, eles apontaram que foi (e é) o envolvimento de todos os atores da comunidade escolar, no trabalho educativo. Com as práticas, não sendo importantes apenas para os alunos, mas sim por todos da comunidade, a qual foi extremamente importante para o compartilhamento dos saberes.

A escola encontra-se a todo momento em processo de aprimoramento de sua prática educacional, a fim de criar um ambiente favorável ao aprendizado contínuo e transformador, incentivado pela pesquisa e pelo desenvolvimento das potencialidades,

para a formação do cidadão solidário, ativo socialmente, sujeito de sua história e de seu tempo. Com isso, foi possível constatar que o termo Contextualização com o Semiárido é compreendido na sua essência pelos sujeitos da pesquisa, demonstrando que a Escola Municipal Liberato Vieira, desenvolve um trabalho fundamentado nos princípios da Educação do Campo, voltado para a convivência com o Semiárido, que permite a implementação das atividades pedagógicas voltadas para as necessidades e desejos dos povos do campo, levando em consideração as potencialidades e fragilidades do sertão no meio da Caatinga.

Constatamos também que as práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola, voltadas para convivência com o Semiárido, contribuem positivamente para a construção de um novo cenário em que se concebe o Semiárido enquanto espaço de construção de novas relações de convivência entre os seres humanos e a natureza, com base na sustentabilidade ambiental, e combinando a qualidade de vida das famílias camponesas com o incentivo às atividades econômicas e ecológicas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é um dos ambientes de desenvolvimento do educando, talvez o mais significativo. No entanto, ela não pode ser entendida como instituição substituta à família, mas como ambiente socializador diferente do familiar. É também o resultado de um trabalho de revisão e reformulação dinâmico, ativo e relacional das equipes administrativa, docente, discente, comunidade e família de todos os envolvidos conhecedores do valor de um Projeto Educacional que apresenta a realidade, valorizando as experiências bem-sucedidas e traçando caminhos para superar aquelas ações que foram insatisfatórias.

Assim, esta pesquisa proporcionou o entendimento de como ocorreu a construção coletiva da Educação Contextualizada em uma escola do Município de Ipiranga do Piauí, possibilitando o conhecimento e a compreensão crítica dos aspectos sociais, históricos, políticos, econômicos e culturais que levaram à sua implementação, identificando as potencialidades do trabalho para o desenvolvimento sustentável no semiárido.

A reflexão sobre as práticas educativas desenvolvidas na escola permitiu identificar também os desafios enfrentados e benefícios conseguidos pela instituição pesquisada, além de, principalmente, reforçar a importância delas estarem relacionadas às demandas levantadas junto à comunidade, demandas estas que permitiram criar estratégias didático-pedagógicas que fomentaram e fomentam a compreensão crítica do contexto em que os sujeitos das ações estão envolvidos.

Pode-se notar também que o envolvimento da comunidade e o protagonismo dos alunos foram, tanto o pontapé inicial, como o grande motivador para a continuação do desenvolvimento da proposta na escola. Nessa perspectiva, a indissociabilidade das ações da escola com as necessidades da comunidade e o envolvimento dela e da família dos alunos nas ações é inquestionável e deverá sempre ser considerada caso haja a intenção de implementação de propostas de trabalho como a apresentada nesse estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE. J Santos; FERNADES. S. A. de Souza, **A importância da educação contextualizada para o desenvolvimento do semiárido**, USP, 2016

BRASIL. **Delimitação do semiárido mantém formação atual e inclui 54 novos municípios. Brasília: Ministério da Integração Nacional.** 2017. Disponível em <http://www.integracao.gov.br/area-de-imprensa/todas-as-noticias/asset_publisher/YEkzzDUSRvZi/content/delimitacao-do-semiarido-mantem-formacao-atual-e-inclui-54novosmunicipios/pop_up?_101_INSTANCE_YEkzzDUSRvZi_viewMode=print&_101_INSTANCE_YEkzzDUSRvZi_languageId=pt_BR>. Acesso em: 08 jan.2019.

CAMINHA. J.B. **Ipiranga do Piauí: Recordações da cidade e do campo: Terra de Brejos e buritizais.** Teresina: EDUFPI, 2008.198 pg.

CARVALHO, L.D. Os saberes tecidos no contexto: a vertente educativa da convivência com o semiárido fundamentando novas práticas e metodologias pautadas na contextualização. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO E CONTEMPORANEIDADE, 3., 2012, Salvador, **Anais...**Salvador, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Cidades. 2017. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/ipiranga-do-piaui/panorama.>>. Acesso em: 04 fev. 2018.

LIMA, E.S. **Educação Contextualizada no Semiárido: Construindo Caminhos para Formação de Sujeitos Críticos e Autônomos.** 2006. 88f. Monografia (Especialização em Docência do Ensino Superior). Coordenação de Pós-graduação e Pesquisa da Faculdade Santo Agostinho. Teresina, 2006.

LIMA, E.S. **Formação de Professores no Semi-Árido: Valorizando Experiências, Reconstruindo Valores e Tecendo Sonhos;** 2008;

LIMA, E. Currículo das escolas do campo: perspectivas de rupturas e inovação. In: LIMA, E.S.; SILVA, A.M. **Diálogos sobre Educação do Campo.** 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2014.

MARTINS, J.S. **Proposta Político Pedagógica para as Escolas Municipais de Uauá.** Petrolina: Gráfica Franciscana, 2007.

PIAUI. **Intercâmbio de experiências apresenta na prática a Educação Contextualizada no Semiárido.** Secretaria de Estado da Educação (SEDUC). 2015. Disponível em:<<http://www.seduc.pi.gov.br/noticia/Intercambio-de-experiencias-apresenta-na-pratica-a-Educacao-Contextualizada-no-Semiarido/3108/>>. Acesso em: 03 out. 2017.

PIMENTEL, A. **O elogio da convivência e suas pedagogias subterrâneas no semiárido brasileiro.** 2002, XX fls. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

REIS, E.D. S.; BARBOSA, G.D.S. Educação Contextualizada e escola do campo: aproximação que distancia na Lage das Aroeiras - comunidade de Fundo de Pasto. **Educação em Perspectiva**, v. 6, n. 2, p. 246-267, jul./dez. 2015

REDE DE EDUCAÇÃO DO SEMI-ARIDO BRASILEIRO – RESAB. (2004)

SENA, R.R. O. O livro didático em questão: um olhar a partir da perspectiva da Educação Contextualizada. In: CUNHA, B.A.; SANTOS, A.P.S.; PEREZ-MARTIN, A.M. (Org.). **Educação contextualizada para a convivência com o semiárido brasileiro: debates atuais e estudos de caso.** Campina Grande: INSA, 2014, p. 14 – 33.

SOUZA, I.P.F. **A Gestão da Educação Contextualizada no Semiárido: indagações de um processo.** 138 f. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

